

# *A configuração sociodiscursiva do debate na mídia televisiva: a polêmica no discurso político-democrático<sup>1</sup>*

The sociodiscursive configuration of debate in television media:  
polemic in political-democratic discourse

*Gil Roberto Costa Negreiros*

*Paola Tassinari Groos*

*Claudiele da Silva Pascoal*

DOI: <http://dx.doi.org/10.5902/2176148534350>

**Resumo:** Partindo dos pressupostos teóricos sobre polêmica (AMOSSY, 2017a, 2017b) e das categorias dos tipos de elementos (TRAVAGLIA, 2017), objetiva-se analisar um texto oral público, pertencente ao gênero oral debate, e discutir os aspectos sociodiscursivos da polêmica presentes no *corpus*. Investigaremos uma interação ocorrida no programa televisivo “Entre Aspas”, da GloboNews. Nesse programa, os debatedores apresentam e discutem suas perspectivas sobre a relação premiada. Como resultados, demonstra-se que a interação polêmica produzida no debate não levou as partes a um acordo, mas cumpriu importante função social, pois mostra a confrontação pública marcada por dois campos de dissenso, o que fortalece a democracia.

**Palavras-chave:** Oralidade. Gênero oral debate. Discurso político-democrático. Polêmica. Interação polêmica.

**Abstract:** Starting from the theoretical assumptions about polemics (AMOSSY, 2017a, 2017b) and from the text categories (TRAVAGLIA, 2017), we aim to analyze a public oral text, belonging to the oral genre debate and discuss the sociodiscursive aspects of the controversy present in the *corpus*. We will investigate an interaction that took place on the television program “Entre Aspas”, by GloboNews. In this program, the debaters present and discuss their perspectives on plea bargain. As a result, it is shown that the controversial interaction produced in the debate did not lead the parties to an agreement, but fulfilled an important social function, as it shows the public confrontation marked by two fields of dissent which strengthens democracy.

**Key-words:** Orality. Oral genres. Political and democratic discourse. Polemic. Controversial interaction.

---

<sup>1</sup> O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

Gil Roberto  
Costa Negreiros

Paola Tassinari  
Groos

Claudiele da  
Silva Pascoal

---

166

## 1. Introdução

É fato que, no âmbito de pesquisas sobre a oralidade, ainda há muitas lacunas a serem preenchidas. De forma geral, mesmo se considerarmos os inúmeros avanços da Linguística, ocorridos nas últimas quatro décadas e advindos dos estudos da Análise da Conversação, da Sociolinguística (em suas diversas correntes) e das diferentes abordagens pragmáticas e discursivas, os variados usos orais presentes em nosso tempo configuram-se, em muitos casos, como um “campo ainda a ser desbravado”.

Como exemplo, podemos citar a descrição e a interpretação das estratégias interacionais e discursivas empregadas, no âmbito da oralidade, pelos falantes a partir dos enquadres da situação sociodiscursiva, evidenciando “as regras que modelam a troca verbal em enquadres previamente regulados” e oferecendo “os instrumentos que permitam dar conta de um *corpus* específico” (AMOSSY, 2017b, p. 229).

Nesse sentido, justificam-se estudos sobre a polêmica em situações orais, aqui entendida, nos dizeres de Amossy (2017a, p. 72), como “o conjunto de intervenções antagônicas sobre uma dada questão em um dado momento”. Mesmo sendo condenada pela opinião geral, que considera que os debates públicos devam ser pautados pela racionalidade, pelo equilíbrio e pelo acordo, a polêmica se inscreve na sociedade, sobre os mais diversos temas, muitas vezes incentivada pela mídia (cf. AMOSSY, 2017b, p. 228).

O fato de a sociedade adotar práticas polêmicas no cotidiano (mesmo que as condene), por si só, é um ponto fundamental para aqueles que se interessem por investigações sobre o fenômeno. Como as polêmicas são produzidas linguisticamente e discursivamente? Quais os gêneros orais que melhor se enquadram na produção das polêmicas? Como os falantes produzem seus textos tendo em vista o objetivo de polemizar? Como a polêmica se dá nos espaços orais midiáticos? Essas são algumas perguntas que podem ser feitas quando se elege o fenômeno oral como *corpus* de estudo.

Dito isso, a partir das discussões propostas pelo Grupo de Pesquisa GOE (Gêneros Orais e Escritos), propomos este estudo, que tem como tema geral a interação polêmica presente em um debate oral, produzido em um programa jornalístico na televisão brasileira.

Os objetivos que adotamos neste trabalho são dois: analisar um texto oral público, pertencente ao gênero oral debate e produzido na esfera do jornalismo televisivo brasileiro e, depois, discutir os aspectos sociodiscursivos da polêmica presente no *corpus*. Para tan-

to, apoiamo-nos nos pressupostos teóricos de Fairclough (2003), no que tange às discussões sobre gênero, relações e papéis sociais; nos parâmetros propostos por Travaglia (2007a, 2007b, 2009, 2017), que tomam por base os elementos constitutivos do gênero a partir de uma perspectiva discursivo-textual e na definição de discurso e interação polêmicas, de Amossy (2017a, 2017b).

Metodologicamente, a pesquisa que aqui apresentamos é indutiva, de caráter analítico-descritivista e de cunho qualitativo. O *corpus* selecionado é composto por um debate oral, transcrito a partir das discussões produzidas no programa televisivo de debates “Entre Aspas”, do canal por assinatura GloboNews, pertencente ao Grupo Globo, maior conglomerado de mídia e comunicação da América Latina. O programa foi apresentado inicialmente ao vivo em 23 de maio de 2017 e encontra-se disponível em plataformas digitais, com 23 minutos de duração em sua versão sem comerciais.

A partir da transcrição realizada, feita a partir dos pressupostos definidos pelo NURC-SP (PRETI, 1999)<sup>2</sup>, abordamos alguns aspectos textuais e contextuais que estruturam o fenômeno da polêmica no texto estudado a partir de marcas linguísticas, interacionais e discursivo-argumentativas.

Além da introdução e das considerações finais, este artigo é dividido em duas seções: na primeira, apresentamos algumas questões teóricas, especificamente os conceitos de atividade discursiva, de gênero e de categorias de texto, além de aspectos sociodiscursivos sobre a polêmica, a partir da definição de discurso polêmico e interação polêmica; na segunda parte, analisamos as marcas da polêmica no debate televisivo.

## 2. Referencial teórico

### 2.1. Atividade discursiva, relações sociais e categorias de texto

Fairclough (2003), em estudo sobre a temática dos gêneros, propõe três diferentes enfoques que podem ser aplicados sobre o tema. No primeiro deles, segundo o autor, pode-se analisar o objeto a partir de uma “cadeia de gêneros”. Apoiando-se em conceitos como “rede

---

2 Os autores realizaram a transcrição do *corpus* a partir do vídeo disponível na plataforma digital YouTube. Para fins de registro da referência nas citações, estabelecemos: nome do programa de televisão, data de exibição ao vivo e linhas iniciais e finais do trecho. No total, o *corpus* possui 605 linhas e as abreviações AP, P1 e P2 representam, respectivamente, apresentadora do programa televisivo, participante 1 - jurista, participante 2 - advogado criminal.

Gil Roberto  
Costa Negreiros

Paola Tassinari  
Groos

Claudiele da  
Silva Pascoal

---

168

de gêneros”, de Devitt (1991) e “sistema de gêneros”, de Bazerman (1994) e de Swales (2004), o autor, para definir o conceito, parte da ideia bakhtiniana de dialogismo, segundo a qual “cada enunciado é um elo de uma cadeia muito complexa de outros enunciados” (BAKHTIN, 2000, p. 291).

A segunda possibilidade de investigação refere-se à análise dos processos de hibridização do gênero, ou seja, à “mistura” de gêneros em um texto particular, destacando as complexidades que a relação texto/gênero pode ter: “A particular text ou interaction is not “in” a particular genre – it is likely to involve a combination of different genres” (FAIRCLOUGH, 2003, p. 66).

Como terceira possibilidade, Fairclough postula também ser possível a realização de investigações de um gênero individual em um texto particular. A partir das relações entre o texto produzido e sua estrutura genérica, o autor (2003, p. 68) chama a atenção para a necessidade de precisar a questão a partir de três níveis de abstração, que podem ser apresentados em três níveis, a saber: um estágio mais abstrato, o “pré-gênero”; um estágio intermediário, denominado “gênero desencaixado” (categoria menos abstrata e mais concreta que o “pré-gênero”) e um estágio relacionado ao “gênero situado”, mais concreto e específico: “I shall use ‘pre-genre’ as suggested above for the most abstract categories like Narrative, ‘disembedded genre’ for somewhat less abstract categories like Interview, ‘situated genre’ for genres which are specific to particular networks of practices such as ‘ethnographic interview (...)” (FAIRCLOUGH, 2003, p. 69).

Dessa maneira, é possível realizar (a) um estudo das cadeias de gêneros de determinada esfera discursiva (da influência de um gênero sobre o outro); (b) da influência de dois ou mais gêneros na constituição de determinado texto (sem levar em conta uma cadeia de gêneros, mas apenas uma relação de intergenericidade); (c) da relação entre o texto e um gênero específico (desde uma visão (1) “abstrata do gênero”, passando pela ideia do (2) “gênero desencaixado”, até uma (3) categoria “concreta”, transfigurada na individualidade do texto, do gênero “situado”. Há, portanto, nas ideias que Fairclough apresenta, várias possibilidades de análise, o que pode ser visualizado na Figura 1.

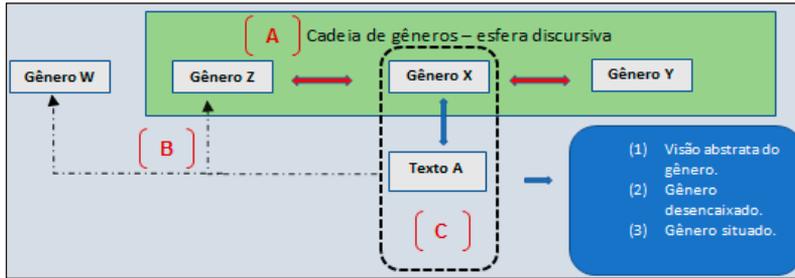


Figura 1 – Possibilidades analíticas da proposta de Fairclough (2003)

Fonte: Autores, adaptado de Fairclough (2003).

Além disso, para Fairclough (2003), é importante também analisar a atividade que está sendo desenvolvida a partir do gênero adotado, ou seja, “[t]he question, ‘what are people doing?’, here means specifically, ‘what are people doing discursively?’”

Na esteira de Bakhtin (2000), Swales (1990) e de Fairclough (2003), Travaglia propõe uma caracterização de “categorias de texto”, definidas como

um conjunto de textos com características comuns, ou seja, uma classe de textos que têm uma dada caracterização, constituída por um conjunto de características comuns em termos de conteúdo, estrutura composicional, objetivos e funções sociocomunicativas, características da superfície linguística, condições de produção, etc., mas distintas das características de outras categorias de texto, o que permite diferenciá-las (TRAVAGLIA, 2007a, p. 40).

Tais categorias podem pertencer a quatro naturezas distintas, denominadas pelo autor como “tipelementos” ou “classes de categorias de texto de uma dada natureza” (p. 41), assim elencadas: tipo, subtipo, gênero e espécie.

O tipo se define e caracteriza por instaurar um modo de interação e de interlocução. O gênero, por seu turno, exerce uma função sociocomunicativa específica, possuindo determinadas regularidades em termos de conteúdo temático, construção composicional, forma de realização linguística, criado por uma esfera da atividade humana ou por uma comunidade discursiva, buscando realizar uma ação social por meio da linguagem (cf. TRAVAGLIA, 2017, p. 15). A espécie é definida por aspectos do conteúdo, da superfície linguística e/ou da forma (superestrutura).

Gil Roberto  
Costa Negreiros

Paola Tassinari  
Groos

Claudiele da  
Silva Pascoal

---

170

Assim, para caracterizar essas categorias de texto, Travaglia (2007a) apresenta cinco parâmetros: conteúdo temático, estrutura composicional, objetivos e funções sociocomunicativas, características da superfície linguística e das condições de produção. Segundo o autor,

[a] caracterização das categorias de texto é feita por uma conjugação de critérios que pode ocorrer de diferentes modos e, muitas vezes, a distinção depende de uma combinação diversa dos mesmos elementos e não da presença de elementos distintos. Nem sempre uma categoria se caracteriza por critérios e parâmetros de todos os cinco grupos, mas de apenas alguns deles (TRAVAGLIA, 2007a, p. 40).

A partir desses cinco critérios, analisamos os dispositivos linguísticos e contextuais que se referem especificamente à polêmica e que possam estar presentes no *corpus*. Antes, porém, cabe destacar alguns aspectos que envolvem a questão da definição da modalidade polêmica.

## **2.2. A polêmica: aspectos interacionais e linguísticos do discurso político midiaticizado**

Como assevera Amossy (2017a), as mídias não possuem a exclusividade da polêmica (aqui entendida como um conjunto de manifestações discursivas antagônicas sobre uma dada questão em um dado momento, como já dissemos anteriormente), que pode se dar em várias outras situações do cotidiano, sejam privadas ou públicas. Contudo, é nas mídias que “a polêmica se difunde – até mesmo se elabora – no espaço público” (AMOSSY, 2017a, p. 72-3). Oriunda do conflito, a polêmica é uma manifestação discursiva que ocorre sob forma de embate, de afrontamento emocional e brutal, de opiniões contraditórias que circulam no espaço público. “Enquanto interação verbal, ela surge como *um modo particular de gestão de conflito*” (AMOSSY, 2017a, p. 53, grifos da autora).

Definindo a polêmica como uma modalidade argumentativa, Amossy (2017a) postula que a polêmica se compõe, de fato, pelo antagonismo em *torno de uma questão atual e de interesse público*, que perpassa variados gêneros e tipos de discurso e que deve ser distinguida de uma deliberação ordinária. Ao contrário, a dicotomia, na polêmica, possui objetivos argumentativos: trata-se de um modo *sui generis* de argumentar:

Trata-se de estruturas de interações globais que se pode qualificar como modalidades argumentativas. Nesse sentido, a polêmica como interação fortemente agonística que atravessa os gêneros (panfleto, discurso na Câmara, artigo de opinião...), assim como os tipos de discursos (jornalístico, político...) é uma modalidade argumentativa situada em um dos polos do *continuum*, até o limite extremo de suas possibilidades (AMOSSY, 2017a, p. 52).

A polêmica pode se dar, concretamente, por meio de um discurso polêmico ou de uma interação polêmica:

O discurso polêmico e a interação polêmica são as formas que as intervenções constitutivas da polêmica podem assumir. O discurso polêmico é “a produção discursiva de somente uma das partes em presença, mas na qual se inscreve, necessariamente, o discurso do outro” [...] Ele é, por definição, dialógico, mas ele não é dialogal, já que não há interação direta com o adversário. [...] É necessário distinguir o discurso polêmico da interação polêmica, que é uma interação face a face ou uma interação assíncrona (AMOSSY, 2017a, p. 72).

A polêmica pode surgir em diferentes esferas, mas atualmente é na política que ela encontra lugar, nos dizeres de Gelas (1980, p. 41). Essa “maneira de argumentar” é marcada, segundo Amossy, por três pilares: a *dicotomização* (o choque de opiniões antagônicas, uma excluindo a outra), a *polarização* (dois antagonistas diametralmente opostos polemizam diante dos espectadores da polêmica, que também devem se posicionar) e a *desqualificação do adversário* (depreciação do *ethos* dos sujeitos, grupos, ideologias e instituições concorrentes).

A dicotomização é a primeira característica do que aqui chamamos de modalidade polêmica e se caracteriza pelo choque de opiniões antagônicas. Garand (1998, p. 216) afirma que em todos os gêneros o denominador comum dos enunciados polêmicos é o conflitual e que não é sempre que a situação conflitual ocasiona uma intervenção polêmica, no entanto toda fala polêmica sempre provém do conflitual.

Gil Roberto  
Costa Negreiros

Paola Tassinari  
Groos

Claudiele da  
Silva Pascoal

172

Toute situation conflictuelle n'occasionne pas une prise de parole polémique (il y a des périodes où le conflictuel demeure latente, se résorbe, ne trouve pas d'issue dans les discours) mais, à coup sûr, toute parole polémique est issue du conflictuel. (GARANT, 1998, p. 216)

Em um segundo nível, a polarização torna-se marca fundamental da polêmica, distinguindo “actantes” de “atores sociais”. Nos dizeres de Plantin (2003, p. 283), atores são os indivíduos concretos que sustentam esses discursos. Amossy também postula: “Não se trata aqui de pessoas, mas de papéis: defensor da posição proposta, opositor dessa posição, ouvinte-espectador da confrontação” (AMOSSY, 2017a, p. 56).

A partir da polarização, um movimento de reagrupamento por identificação do grupo, que se configura como o terceiro nível. Nele, consolida-se a identidade desse grupo apresentando pejorativamente o outro.

Kerbrat-Orecchioni (1980) postula que é comum, assim, não apenas a desqualificação da fala do outro, mas do próprio outro. Estratégias como a negação, a avaliação antagônica entre o que é do bem e o que é do mal (marcação axiológica), os jogos sistemáticos de oposição, a reformulação, a manipulação do discurso relatado, a ironia, a hipérbole são frequentemente usadas em discursos polêmicos ou interações polêmicas: “Todas as armas são boas para o combate”. Entretanto, Kerbrat-Orecchioni (1980) coloca como traço definidor essencial o descrédito lançado sobre o outro: a polêmica que visa ao discurso do outro é, antes de mais nada, uma palavra de desqualificação (AMOSSY, 2017b, p. 231).

A partir dessas considerações teóricas, apresentamos algumas dessas marcas presentes em nosso *corpus*, na seção a seguir.

### 3. As marcas da polêmica no debate televisivo

Na análise que aqui propomos, destacamos, a partir das categorias de texto propostas por Travaglia (2007a, 2007b, 2009, 2017), os fatores linguísticos, discursivos e interacionais presentes no *corpus* e que são garantidores do que Amossy (2017a, p. 72) chama de interação polêmica (Quadro 1).

**Quadro 1 - Categorias de texto e fatores linguísticos/discursivos/interacionais**

| <b>Categorias de texto</b>                | <b>Fatores linguísticos / discursivos / interacionais</b>   |
|---|---|
| Conteúdo temático                         | Discurso baseado na esfera político-jurídica sobre corrupção e delação premiada.                                    |
| Estrutura composicional                   | Interação truncada com fortes interrupções, vozes intercaladas; agressividade no tom de voz, na postura.            |
| Objetivos e funções sociocomunicativas    | Apresentação de opinião de especialista; combate ao argumento do oponente, destituindo o papel social do outro.     |
| Características da superfície linguística | Vocabulário político-jurídico; sintaxe baseada na norma culta.  |
| Condições de produção                     | Programa de TV, caráter e interesse públicos; papéis sociais bem definidos, representantes de instituições sociais. |

Fonte: Adaptado de Travaglia (2007a, 2007b, 2009, 2017) e Amossy (2017a; 2017b).

*A configuração sociodiscursiva do debate na mídia televisiva*

173

Ao elegermos como *corpus* de análise a transcrição do debate ocorrido no Programa “Entre Aspas”, fazemos nossa investigação sobre um texto concreto, particular, o que, nos dizeres de Fairclough (2003), seria um estudo sobre um “gênero situado”, concreto e específico. Cabe lembrar que, nos limites deste trabalho, não é possível realizar um estudo das cadeias de gêneros de determinada esfera discursiva (da influência de um gênero sobre o outro) ou a relação entre o gênero situado que compõe nosso *corpus* com outros textos que formam o programa televisivo. Também não é possível aqui definir a influência de dois ou mais gêneros na constituição de determinado texto (levando em conta uma cadeia de gêneros ou uma relação de intergenericidade).

Segundo Fairclough (2003), é importante definir a atividade que está sendo desenvolvida a partir do gênero adotado, ou seja, tentar responder à pergunta: o que as pessoas estão fazendo discursivamente? Nossa hipótese é que, em nosso *corpus*, não se busca apenas apresentar a opinião (no caso, divergente, a respeito das delações premiadas).

O que se busca é não apenas apresentar um ponto de vista que possa ser discordante, mas desconstruir os argumentos do outro, de forma a se colocar frente ao outro dicotomicamente, polarizando-se socialmente e, assim, desqualificando o papel social do outro debatedor. Mais do que apenas discordar, o comportamento polêmico pode ser percebido a partir da escolha do conteúdo temático, da estrutura composicional do texto, dos objetivos de cada debatedor e das funções inerentes ao “gênero do texto”, às marcas da superfície linguística e às condições de produção específicas.

Gil Roberto  
Costa Negreiros

Paola Tassinari  
Groos

Claudiele da  
Silva Pascoal

174

Otoni (2017), ao definir o conteúdo temático em entrevistas de televisão, postula que o mesmo “contempla informações sobre alguma questão em evidência no momento ou sobre alguma produção ou apresentação cultural e esclarecimento de dúvidas dos telespectadores sobre determinado tema”.

No caso de nosso *corpus*, os debatedores convidados discutem a “delação premiada e combate à corrupção”. A temática é explícita no início do programa: pretende-se discutir a delação premiada no combate à corrupção no âmbito da Operação Lava-Jato:

01 AP Para discutir a delação premia:: a sua importância para a Lava-Ja::to e o combate ao crime organiza::do... recebemos E. U. B.... jurista fundador da Escola de Altos Estudos de Ciências Criminais e S. C. A. advogado criminal... sejam muito bem vindos

Entre Aspas, 23/05/2017, linhas 01-04

O tema do debate é de grande interesse público e é recorrente na mídia nacional brasileira desde o *impeachment* da Presidenta Dilma Rousseff, em agosto de 2016. Pontualmente, o fato político de destaque no programa ocorreu em abril em 2017, envolvendo a empresa JBS e o Presidente Michel Temer, gravados nos porões do Palácio do Jaburu, em Brasília, em conversas “pouco republicanas”. O programa de TV aborda, especificamente, a divulgação do áudio dessa conversa com a colaboração premiada cedida aos “irmãos Batista”.

Dessa forma, a recorrência pública do tema é o primeiro item para a existência de uma interação polêmica que, para haver, é preciso que se “aborde um assunto de interesse público para que ela [a interação] não seja uma simples discussão, uma disputa entre particulares:

A polêmica pode, evidentemente, se desenvolver sobre a base de um assunto inicialmente privado, um conflito de locação, por exemplo, mas é necessário que esse conflito assuma contorno público pondo em causa grandes princípios e os grupos defensores ligados a eles (identificados a esses princípios) (PLANTIN, 2003, p. 387).

No âmbito das condições de produção, os debatedores não são apenas actantes do processo interacional e argumentativo, mas adotam papéis sociais explícitos e ligados a grupos sociais:

- 01 AP Para discutir a delação premia:: a sua importância para a Lava-Ja::to e o combate ao crime organiza::do... recebemos E. U. B.... **jurista fundador da Escola de Altos Estudos de Ciências Criminais** e S. C. A. **advogado criminal**... sejam muito bem

Entre Aspas, 23/05/2017, linhas 01-04.

Nesse trecho, a apresentadora do programa de TV realiza a apresentação dos dois convidados e explica os cargos profissionais ocupados por eles: jurista fundador da Escola de Altos Estudos Criminais (P1) e advogado criminal (P2), atrelando-os, assim, a grupos sociais distintos, mas que pertencem ao âmbito jurídico.

*A configuração  
sociodiscursiva  
do debate na  
mídia televisiva*

- 15 P2 ((volta-se para a apresentadora)) o vértice sempre recai sobre a questão da popularidade... o mesmo **Procurador-Geral** que até então estava sendo festejado... por conta de um benefício... ao delator... já é criticado... por conta éh:: desse resultado que ele foi beneficiado... e foi MESmo... aliás...e eu quero que o debate aqui hoje a gente tem que falar em termos de instituições... me preocupa muito M.... não sei o que pensa o **nobre promotor**... ((olha para a outro participante)) as instituições enfraquecidas existe hoje um certo... rastejamento... para a opinião popular... o **Procurador**... errou... e errou feio... ao não... periciar as gravações... isso está estampado em todos os jornais::: a sociedade civil está criticando... e também em primeiro lugar... já permitiu vazamento... dessas... dessas gravações... porque essas gravações... para ter chegado ao público devem ter sido de alguma forma:: deve ter saído até do Mini/Ministério Público... enTÃO... esse tipo de conduta... em que... o Ministério Público... se arvora de uma condição... SEM limites... desarrazoada... também contribui para uma instabilidade do Brasil... nós temos que transformar o Brasil... com instituições SÉrias...

175

Entre Aspas, 23/05/2017, linhas 15-28.

Uma das estratégias usadas por P2, logo no início da interação, é uma preocupação em se colocar como representante de instituições e, assim, resguardar-se de possíveis conflitos. Isso é visível nas linhas 18 – 21. P2, ao já prever o possível embate, resguarda-se de possíveis ataques ao apresentar sua posição sobre o tema (a reprovação do acordo de delação realizado entre a Procuradoria-Geral da República e os empresários Joesley e Wesley Batista):

- P2 aliás...e eu quero que o debate aqui hoje a gente tem que falar **em termos de instituições... me preocupa muito M.... não sei o que pensa o nobre promotor...**”

Entre Aspas, 23/05/2017, linhas 18-19.

O primeiro embate ocorre justamente no momento em que P2 apresenta sua posição no dissenso. P1, de forma agressiva e direta, vai além da discordância argumentativa. Este erra o nome de P2 (que faz uma heterocorreção); chama P2, ironicamente, de “potência acusadora”

(que é uma expressão com um caráter hiperbólico latente), acusando-o de agir fora de uma “pauta ética”. Assim, não é apenas o argumento de P2 que é atacado, mas o outro debatedor:

- Gil Roberto*  
*Costa Negreiros* 35 P1 ((olha fixamente para o falante)) Eu vejo o doutor S. como uma potência acusadora...  
P2 S.  
((ri))
- Paola Tassinari*  
*Groos* 40 P1 S. ((acena com a cabeça))... potência acusadora... mas... a acusação não pode ser qualquer uma... ela tem que se pautar assim por::... por uma pauta ética evidentemente... o que que eu falo em defesa ainda que não precise... do Procurador-Geral da República... é dele a batuta e a responsabilidade de conduzir... as investigações... do maior escândalo... não é da história brasileira provavelmente mundial de corrupção... se ele pericia iam dizer ((olha para o outro participante)) que a perícia era insuficiente... antes mesmo de haver perícia... um dos investigados já ofertou a própria perícia... o senhor é advogado e sabe...  
45 ((volta-se para a apresentadora)) nunca jamais a perícia dirá a verdade para advogado... porque o advogado sempre estará... contra aquilo que vem em detrimento de seu cliente... se enROla... se éh::: protela um pouco mais o  
50 Procurador-Geral da República para fazer perícia fazer outras provas... numa fase ainda embrioná::ria... de tudo... isso vai vazar isso vai compromETER a investigação... quem acompanhou um pouco mais viu... que o Procurador-Geral da República e o Ministério Público levaram isso até:: a última hora... quando mais não podia então a coisa veio a público... ((volta-se para o outro participante)) há de se saber o que é função do Ministério Público e dessa... se o  
55 senhor me permite eu conheço um pouco
- Entre Aspas, 23/05/2017, linhas 35-56.

Esse primeiro ataque realizado por P1 dá abertura à interação polêmica. P2, em contrapartida, diz que não admite as colocações do outro, defende-se e exige respeito:

- 60 P2 eu conheço bem também e eu respeito... sei da questão ética... que você mencionou aqui e da também minha parte a ética... jaMAIS faltará... então da mesma forma que eu respeito eu também exijo respeito... não admito esse tipo de colocação... aTÉ porque... refuTANdo essa questão semântica... que o senhor coloca aqui... é CLARA a irresponsabilidade... de um Procurador-Geral da  
65 Justiça... que é CHEfe do Ministério Público NacioNAL... em não fazer uma coisa BÁsica... que é uma perícia de uma gravação...
- Entre Aspas, 23/05/2017, linhas 60-65.

Em alguns momentos, P1 exige que seu papel social de “jurista” seja respeitado, em trechos marcados fortemente pela ênfase na negação (“não não não ((levanta a mão)) por favor... **não sou promotor**”). Mais uma vez, a questão polêmica foge da questão referencial do debate, recai na defesa dos papéis sociais dos falantes. A estratégia de lançar sobre o outro o descrédito mais uma vez é posta em prática na interação:

- P1 não não não ((levanta a mão)) por favor... **não sou promotor** ((com dedo em riste))... **hoje eu sou procurador de justiça**
- 100 P2 [ Procurador  
[
- P1 e venho aqui na condição de jurista... não venho ao contrário do:: ((riso irônico)) meu nobre colega defendENDO uma consti/instituição... eu não venho defender o Ministério Público eu venho dar uma visão jurídica... que eu creio deva imantar a situação... quem não deve não teme... ou não temer? ((olhando fixamente para o outro participante)) ((pausa))
- 105

Entre Aspas, 23/05/2017, linhas 96-105.

*A configuração sociodiscursiva do debate na mídia televisiva*

O recurso da ironia é adotado várias vezes, sobretudo por P1. Um exemplo é o trecho a seguir, quando este falante se coloca como jurista (portanto como conhecedor e autoridade “da lei”) e não como apenas defensor do Ministério Público. Ao se posicionar dessa forma, P1 desqualifica novamente P2, além de fazer um jogo entre o ditado popular “quem não deve não teme” e o sobrenome do Presidente da República: “quem não deve não **temer**”.

177

- P1 e venho aqui na condição de jurista... não venho ao contrário do:: ((riso irônico)) meu nobre colega defendENDO uma consti/ instituição... eu não venho defender o Ministério Público eu venho dar uma visão jurídica... que eu creio deva imantar a situação... quem não deve não teme... ou não temer? ((olhando fixamente para o outro participante)) ((pausa))
- 105

Entre Aspas, 23/05/2017, linhas 102-107.

Mesmo sendo realizado em um programa nacional de TV, a interação é prejudicada por seguidas interrupções, sobreposições de vozes, agressividade no tom de voz e na postura dos participantes do debate. Esses conflitos na interação face a face são geradores de polêmica, como destacamos na seção anterior com Amossy (2017b).

No trecho a seguir, marcado pelo intenso jogo de oposição, de interrupção e sobreposição de vozes, P1, por um lado, acusa P2 de estar fazendo política. Por outro, P2 também tenta desqualificar seu oponente, questionando-o sobre o apoio legal do argumento usado:



P1 nós JÁ soFREmos os NOSsos filhos o ASSALTO ao cofres PÚBLicos... eu  
 NÃO VOU POR HIPÓTESE EU TO DIZENDO  
 345 [

P2 mas eu não fui por hipótese  
 [

P1 QUE NÓS  
 350 SOFREMO... SÃO MILHÕES DE DESEMPREGADOS... SÃO  
 MILHÕES DE ASSALTADOS E ISSO QUE O SENHOR TÁ  
 DEFENDENDO  
 [

P2 MAS O MINISTÉRIO PÚBLICO NÃO PRENDE POR QUÊ?  
 [

355 P1 ATACANDO... O  
 SENHOR NÃO É INVESTIGADOR  
 [

P2 E POR QUE QUE O MINISTÉRIO  
 PÚBLICO NÃO PRENDE?

360 P1 MAS NÃO PRENDE PORQUE NÃO É POLÍCIA O SENHOR NÃO  
 SABE DIFERENCIAR AS FUNÇÕES?  
 [

P2 AH::::: MAS QUER SER POLÍCIA  
 [

365 P1 ((ELE IMPEDE A POLÍCIA))  
 [

P2 QUER SER POLÍCIA  
 [

P1 O SENHOR ESTÁ  
 370 CONFUNDINDO AS COISAS  
 [

P2 QUER SER POLÍCIA  
 [

P1 CONFUNDINDO AS FUNÇÕES

*A configuração  
 sociodiscursiva  
 do debate na  
 mídia televisiva*

179

Entre Aspas, 23/05/2017, linhas 343-374.

Amossy (2017b, p. 228) afirma que a polêmica é um modo de discurso “frequentemente desprezado pelos seus excessos (sua violência, sua paixão, sua tendência aos extremos”, em que cada um “se coloca fora da prática polêmica, ao mesmo tempo em que acusa os outros de fazê-lo”. Isso é evidente em alguns momentos. Como exemplo da crítica a esse comportamento, podemos observar a posição da mediadora, que solicita, em vários momentos, limites aos opositores:

375 AP CALMA CALMA QUE AQUI NÃO É... NÃO é tribunAl aqui... é um programa de debate.. não é um tribunal... vocês não precisam debater como se vocês estivessem na frente de um juiz... eu não sou ((risos))... o que eu queria mesmo era discutir a questão dos BENEfícios DADOS à família B... aos irmãos B. e que foram MUIto mal recebidos pela população

Entre Aspas, 23/05/2017, linhas 375-379.

Gil Roberto  
Costa Negreiros

560 AP não não vamos exagerar ..isso aí éh:: éh:: éh:: efeito..é efeito  
Entre Aspas, 23/05/2017, linha560.

Paola Tassinari  
Groos

Claudiele da  
Silva Pascoal

180

Mesmo com esses reiterados pedidos feitos pela mediadora, os debatedores continuam a interação polêmica. Conduzidos pelos papéis sociais antagônicos em que atuam, P1 e P2 constroem, no *corpus*, um “discurso do dissenso”, em que o confronto de opiniões contraditórias ultrapassa os limites de um debate apenas referencial. A interação demonstrada se baseia na *dicotomização* (o choque de opiniões antagônicas a respeito do valor e da legalidade da delação premiada); a *polarização* (dois antagonistas diametralmente opostos polemizam diante dos espectadores da polêmica – a mediadora e os telespectadores), dando um caráter público ao debate; a *desqualificação do adversário* (depreciação do *ethos* dos sujeitos e dos grupos que estes representam, das ideologias e das instituições representativas). Nesse sentido, há um jogo de dicotomias que perpassam não só os argumentos, mas as relações entre os participantes em um gênero específico, que é o debate público televisivo.

Assim, por meio da percepção do gênero e de suas especificidades, os debatedores não apenas defendem opiniões. Mais do que isso: se perguntarmos o que eles estão fazendo discursivamente, poderíamos dizer que, ao tentar desqualificar o papel social do outro, estão cumprindo funções sociais específicas do regime democrático, baseado na expressão das dissensões.

Essas dissensões se dão no nível das cinco categorias que definem o gênero em questão: (a) o conteúdo temático, baseado na esfera político-jurídica, sobre corrupção e delação premiada (um dos temas mais centrais no cenário político brasileiro); (b) a estrutura composicional, apoiada na negação da posição do outro (com fortes interrupções e vozes intercaladas; negação da posição outro; agressividade no tom de voz e na postura); (c) os objetivos, que passam por apresentar opinião de especialista e por combater o argumento do oponente, destituindo o papel social do outro; (d) as características da superfície linguística, marcada pela linguagem político-jurídica e irônica; (e) as condições de produção, que passam pela constituição do programa de TV, pelo interesse público, pelos papéis sociais de cada debatedor.

#### 4. Conclusão

Neste artigo, analisamos um texto oral público, pertencente ao gênero oral debate e produzido na esfera do jornalismo televisivo brasileiro e, depois, discutimos os aspectos sociodiscursivos da polêmica presente no *corpus*.

As investigações realizadas acerca de gêneros, relações e papéis sociais foram ancoradas nos estudos de Fairclough (2003), seguindo os parâmetros propostos por Travaglia (2007a, 2007b, 2009, 2017), no que concerne aos elementos constitutivos do gênero a partir de uma perspectiva discursivo-textual. Com relação à definição de discurso e interação polêmicas, tomamos por base os estudos de Amossy (2017a, 2017b). Abordamos alguns aspectos textuais e contextuais que estruturam o fenômeno da polêmica no texto estudado, a partir de marcas linguísticas, interacionais e discursivo-argumentativas, tais como ironia, interrupções, sobreposições de vozes e agressividade no tom de voz.

Na análise do *corpus* foi possível perceber que os debatedores não eram somente actantes do processo interacional e argumentativo, mas que adotavam papéis sociais explícitos e ligados a grupos sociais, o que influenciou não só no andamento do debate, na constituição das opiniões e argumentos, como também na constituição de uma interação polêmica dos discursos político-democráticos produzidos na situação interativa. A polêmica fez com que, por vários momentos, se fugisse da questão referencial do debate, da questão inicialmente proposta para a discussão, e se direcionasse os discursos mais na defesa dos papéis sociais de cada debatedor.

Nesse sentido, a interação polêmica que compõe nosso *corpus* demonstra um ponto fundamental: os debatedores, muitas vezes apoiados em repetições cansativas, não chegaram a um acordo. A polêmica presente nessa interação representa a confrontação pública presente na sociedade brasileira, marcada, no que tange ao tema do debate, em uma dissensão baseada em valores comuns da pluralidade democrática: direitos de defesa, influência do judiciário na política, combate à corrupção. Os atores do debate aqui analisado se reconhecem no direito à livre expressão e à tentativa de conquistar a adesão do terceiro (ou terceiros, se considerarmos os telespectadores). Nesse sentido, conforme postula Mouffe (2009, p. 13), a regra de ação é o conflito e não o consenso.

## Referências

AMOSSY, R. **Apologia da polêmica**. São Paulo: Editora Contexto, 2017a.

Gil Roberto  
Costa Negreiros

\_\_\_\_\_. Por uma análise discursiva e argumentativa da polêmica. **EID&A - Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação**. Ilhéus, n.13, p. 227-244. jan./jun. 2017b.

Paola Tassinari  
Groos

BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 12. ed. São Paulo: Ed. Hucited. 2006.

Claudiele da  
Silva Pascoal

\_\_\_\_\_. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

---

182

BAZERMAN, C. Systems of genres and the enactment of social intentions. In: FREEDMAN, A.; MEDWAY, P. (Ed.). **Genre and New Rhetoric**. London: Taylor & Francis, 1994. P. 79-101.

DELAÇÃO PREMIADA. **Entre Aspas**. São Paulo: GloboNews, 23 de maio de 2017. Programa de TV. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=bDf6Z0UHv8U>>. Acesso em: 15 de fevereiro de 2018.

DEVITT, A. J. Intertextuality in tax accounting. In: BAZERMAN, C.; PARADIS, J. (Ed.). **Textual dynamics of the professions**. Madison: University of Wisconsin Press, 1991. p. 336-57.

FAIRCLOUGH, N. **Analysing Discourses: textual analysis for social research**. Londres e Nova York: Routledge, 2003.

GARAND, D. Propositions méthodologiques pour l'étude du polemique. In: HAYWAR, A.; GARAND, D. (eds.). **États du polemique**. Montreal: Nota Bene, 1998.

GELAS, N. Étude de quelques emplois do mot "polemique". In: \_\_\_\_; KERBRAT-ORECCHIONI, C. (eds.). **Le discours polemique**. Lyon: Press Universitaires de Lyon, 1980.

KERBRAT-ORECCHIONI, C. Lá polemique et ses définitions. In: GELAS, N.; \_\_\_\_\_. (eds.). **Le discours polemique**. Lyon: Press Universitaires de Lyon, p. 3-40, 1980.

MOUFFE, C. Democratic politics and agonistic pluralismo. In: **Seminário interdisciplinar o (s) sentido (s) da (a) cultura (s)**. Conselho da Cultura Galega. 18 de dez 2009. Disponível em <[http://consellodacultura.gal/mediateca/extras/texto\\_chantal\\_mouffe\\_eng.pdf](http://consellodacultura.gal/mediateca/extras/texto_chantal_mouffe_eng.pdf)>. Acesso em 14 jul 2018.

OTTONI, M. A. R. Um estudo sobre o gênero oral entrevista em telejornais. In: **Olhares & Trilhas**. Número temático: Gêneros Oraís: Caracterização e Ensino. Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia /Escola de Educação Básica (ESEBA), v. 19, n. 2. p. 25-65, 2017.

*A configuração  
sociodiscursiva  
do debate na  
mídia televisiva*

PLANTIN, C. Des polémistes aux polémiseurs. In: DECLERCQ, G. et al. (éds). **La parole polemique**. Paris: Champion, 2003.

183

PRETI, D. (Org.). **Análise de textos orais**. 4. ed. São Paulo: Humanitas Publicações FFLCH/USP, 1999.

SWALES, J. M. **Research genres: exploration and applications**. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

\_\_\_\_\_. **Genre Analysis: English in Academic and Research Settings**. Cambridge; New York: Cambridge University Press, 1990.

TRAVAGLIA, L. C. Gêneros orais: conceituação e caracterização. In: **Olhares & Trilhas**. Número temático: Gêneros Oraís: Caracterização e Ensino. v. 19, n. 2. Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia /Escola de Educação Básica (ESEBA), 2017, p. 12-24.

\_\_\_\_\_. Sobre a possível existência de subtipos. In: VI CONGRESSO INTERNACIONAL DA ABRALIN, 2009, João Pessoa. **Anais do VI Congresso Internacional da ABRALIN**. Organizador: Dermeval da Hora. João Pessoa: ABRALIN /UFPB, p. 2632-2641, 2009.

\_\_\_\_\_. A caracterização de categorias de texto: tipos, gêneros e espécies. **ALFA**, São Paulo, vol. 51, n. 1, p. 39-79, 2007a.

\_\_\_\_\_. Das relações possíveis entre tipos na composição de gêneros. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS DE GÊNEROS TEXTUAIS, 4, **Anais**. Organizadores: Adair Bonini, Débora de Carvalho Figueiredo, Fábio José Rauén, Tubarão: UNISUL, p. 1297-1306, 2007b.

*Gil Roberto  
Costa Negreiros*

*Paola Tassinari  
Groos*

Recebido em abril de 2018  
Aceito em junho de 2018

*Claudiele da  
Silva Pascoal*